

ETNOCENTRISMO: UM PROBLEMA TEÓRICO PARA O TRABALHO DE CAMPO EM ANTROPOLOGIA.

Júlio Santana Braga

RESUMO

O presente artigo pretende tão somente retomar a discussão sobre o problema do etnocentrismo como entrave na percepção dos fenômenos culturais. Sem pretender esgotar o estudo dos fatores intervenientes que definem essa problemática de cunho epistemológico, o autor analisa alguns aspectos ligados ao trabalho de campo com ênfase nas dificuldades impostas pelo possível etnocentrismo cultural do pesquisador.

Malinowski, no seu clássico "Uma Teoria Científica da Cultura", informa que o antropólogo estuda as realidades da cultura sob as mais diferentes condições ambientais, o que lhe permite observá-las com base em uma teoria, cujo resultado de suas observações, conduzirá o pesquisador à confirmação ou rejeição empírica dos problemas teóricos levantados. Desse modo, afirma Malinowski, "o antropólogo forneceu a maior parte da inspiração no sentido das tendências realmente científicas da sociologia

moderna, análise dos modernos fenômenos culturais e da observação direta convincente, e não intuitiva, das revelações de pura elucubração".(9)

Com efeito, o trabalho de campo para qual quer ciência social, pode ser definido, grosso modo, com uma tentativa empírica de busca às respostas teoricamente formuladas pelo pesquisador e que interessam à compreensão do fenômeno por ele estudado. No caso especial da Antropologia Social, o trabalho de campo além de permitir o exercício metodológico aos antropólogos em formação, constitui-se também em tentativa de responder perguntas cujas respostas quase sempre ele próprio responderia com relativa facilidade. Isto implica em afirmar que ele, ao formular uma pergunta, o faz em termos das categorias que lhe são familiares, produto de sua própria cultura. Naturalmente que esta situação não se apresenta como grande perigo para a Sociologia, pelo menos em termos teóricos, mas constitui um sério entrave para o trabalho de campo em antropologia. Isto porque tem-se admitido como tarefa específica desta ciência "o estudo dos povos exóticos, aqueles que praticam costumes e possuem cultura diferente em que se situa o antropólogo, mesmo quando esses povos são encontrados na próxima esquina", para ficarmos apenas com a definição de Paul Bohannan(3)

Parece-nos, portanto, que uma das fórmulas encontradas pelos antropólogos, no sentido de amenizar os perigos que representam a transposição de categorias e de valores da sua própria cultura, quando da análise do seu objeto específico de estudo, tem sido o de recomendar aos que se iniciam na pesquisa antropológica, como condição indispensável para um perfeito trabalho, o de se ir ao campo, e como afirma Cazeneuve, "de ali permanecer bastante para adquirir uma certa familiaridade com a população e também que se livre dos preconceitos próprios da civilização moderna" (4). E ainda, acrescenta Marcel Mauss, deve o antropólogo de campo, "aprender a observar e classificar os fenômenos sociais; de ter a preocupação de ser exato, completo; ter o sentido dos fatos e as relações entre eles; o sentido das proporções e de suas articulações" (10).

Os antropólogos estão inclinados a admitir que as

análises antropológicas da cultura só poderão ser perfeitamente realizadas, a partir do contato direto com o material de estudo, da sociedade através da observação em profundidade, eliminando o perigo da observação superficial, assim como se exercitando na imparcialidade de compreensão dos fatos e nas suas relações, tais como elas ocorrem, sem formular juízes de valor. Marcel Mauss no seu trabalho MANU EL D'ETHNOGRAPHIE, depois de informar das vantagens da observação e do seu procedimento na pesquisa antropológica de campo, recomenda: "Ne pas "croire" . Ne pas croire qu'on sait parce qu'on a vu; ne porter aucun jugement moral. Ne pas s'étonner. Ne pas s'emporter", e, quando da exposição resultante do seu trabalho ter o cuidado de "Dire ce qu'on sait tout ce qu'on sait".(11)

Naturalmente que para alcançar o conhecimento de uma determinada cultura, o antropólogo participa da vida cotidiana do grupo, aprende o mais que pode de sua língua, participa de atividades familiares, da coleta de víveres, dos festivais e funerais, faz perguntas e escuta conversas, fica conhecendo os seus melhores informantes intimamente. Essa atividade desenvolvida no campo permite, como assegura Felix Keesing, na sua Antropologia Cultural, que o antropólogo "estabeleça classes de comportamentos com base principalmente nos termos linguísticos usados pelo povo e a luz deles explore o âmbito e a frequência dos comportamentos: "Passo a passo, suas anotações de campo vão-se acumulando nos materiais com os quais ele elabora proposições gerais sobre normas de comportamento e com os quais por sua vez ele se sente capaz de prever o modo de pensar e de agir do povo" (12). O que se questiona contudo, é, até que ponto esta visão de conjunto da cultura em estudo, vivenciada pelo pesquisador, não estaria comprometida com um modelo teórico pré- estabelecido e que resulta do processo enculturativo a que esteve submetido, de forma inconsciente, na sua cultura de origem. Por exemplo, na análise da vida religiosa de um povo chamado comumente "primitivo", até que ponto essa análise realizada pelo antropólogo, está isenta das ca

tegorias analíticas utilizadas no estudo das religiões de povos ocidentais. Poder-se-ia mesmo questionar, se a construção teórica de um modelo de análise, decorrente do estudo empírico de uma realidade cultural divergente da do pesquisador, não envolveria variáveis intervenientes da sua cultura de referência. Isto poderia explicar, por exemplo, a visão deformada que se teve ou ainda se tem das religiões tradicionais africanas, especialmente quando se sabe, que as análises realizadas nesse sentido estiveram profundamente marcadas por um comparativismo exagerado na sua formulação teórica, comparando estruturas religiosas de sociedades distanciadas do ponto de vista cultural, para não falar de níveis diferentes de complexidade ideológica. Não se trata aqui de se supor que não hajam regras universais de comportamento, definidas por um certo estilo de vida comum a todos os povos, nem tão pouco que essas regras universais não possam ser estabelecidas, já que a análise estrutural comprova efetivamente essa possibilidade, "quando ela se propõe a descer até aos fundamentos da cultura e a encontrar todos os modelos das sociedades, partindo da natureza ou antes do ponto de emergência da cultura" como bem define Cazaneuve a Antropologia Estrutural de Levy Strauss (5). O que se pretende deixar claro é que a visão deformada de determinado segmento de uma cultura, parece resultar, quase sempre de categorias analíticas provenientes de outra cultura e que parece ser um acompanhante insistente do antropólogo, quando do trabalho de campo.

Parece-nos, entretanto, que mesmo um estágio de dois a três anos no campo, submetendo-se de forma consciente aos valores que lhe são estranhos, não permite ao antropólogo desvincular-se dos seus próprios padrões e dos seus preconceitos culturais. A propósito do compromisso cultural a que está sujeito o antropólogo de campo, em relação à sua própria cultura, poderá ser entendido dentro da evolução da antropologia, de resto muito bem definida por J. Copans, quando afirma: "A heterogeneidade da vida em sociedade foi sendo progressivamente constata da com a descoberta e a ocupação colonial das socie

dades não-européias. Percebeu-se então que as sociedades da América, da Ásia e da África não eram feitas à imagem da sociedade européia. Esta constatação começa por fazê-las um objeto de reflexão filosófica ou política antes mesmo de se tornarem objeto da ciência. A sistematização destas reflexões sob uma forma científica tornou-se possível a partir do momento em que se constituem as ciências das formações sociais e históricas" (6).

"A descoberta intelectual das sociedades "não européias" põe em destaque a diversidade das formas sociais de pensamento e comportamento e das instituições a que elas correspondem. Mas é difícil, em primeiro lugar, separar o approach científico, ideológico ou moral deste fenômeno. A reação instintiva do ocidente face às humanidades exóticas é o etnocentrismo, que julga implicitamente ou mesmo explicitamente as sociedades não-européias segundo as normas européias" (7).

A análise do autor acima referido é perfeitamente válida para elucidar a situação do antropólogo no trabalho de campo. Por mais que lhe seja dada a oportunidade de vivenciar, durante muito tempo, os momentos, especialmente os mais críticos, da vida sócio-cultural de um povo, objeto de seu estudo, ele não conseguirá se ajustar completamente àqueles "Estranhos" padrões culturais diversos da sociedade que lhe moldou o caráter, a sua personalidade. Esta situação coloca-o diante da dualidade fundamental que parece sempre ocorrer quando um indivíduo ou um grupo se depara com um grupo estranho: uma admiração e aceitação pelo estranho; outra de desprezo e recusa(8). Contudo, em nenhuma dessas situações o antropólogo se ajusta de tal forma a compreender plenamente novos valores em detrimento dos seus próprios. Qualquer que seja a sua posição dentro desta situação dicotômica em relação a um grupo que difere profundamente do seu grupo de referência, implicará em dificuldades metodológicas para o antropólogo de campo.

Definida sua posição em termos de admiração e aceitação do grupo que pretende estudar - o que de resto, geralmente ocorre, aliada a necessidade do ponto de vista de sua ciência, de levar em

Universitas.Cultura. Salvador, (33): 77-84, jul./set. 1985

consideração a situação social total, com a qual trabalha, poderá limitar suas observações aos as pectos puramente intrínsecos da cultura em questão, sem considerar não somente sua própria presença que por si só já modifica, de alguma forma, o com portamento de seus "exóticos", mas, também situações novas resultantes dos contatos que, por ventura, ti veram aqueles indivíduos com estrangeiros que o pre cederam, sem falar da aculturação que poderá ocor rer entre duas ou mais culturas não-européias, movi da por razões de vária ordem, que não vale aqui ex plicitá-las.

Beattie, lembra que "Em várias comunidades "nativas" atuais da Africa e alhures, administradores distritais e estrangeiros, missionários e, algu mas vezes, comerciantes e colonizadores desempenham ou desempenharam papéias importantes nos assuntos d da Comunidade, e qualquer estudo social que omita referência a eles está fadado a distorcer a realidade. Todo antropólogo deve fornecer uma descri ção dos valores e instituições tradicionais da so ciedade que está estudando, na medida em que estes ainda sejam fatores viáveis. Mas ele precisa tomar cuidado para não apermitir uma nostalgia vicariante de um passado tribal perdido ou de um desgosto pes soal pelas implicações freqüentes do "Contato Cultu ral", que o levassem a ignorar os pápeis geralmente vitais desempenhados pelos agentes de mudança"(1).

Em seguida esclarece Beattie que o senti mentalismo pode ser o pior inimigo do antropólogo "E o leitor das descrições antropológicas de alguns povos da Africa e outros lugares poderá ficar admi rado ao saber que o povo sobre o qual está lendo tem funcionários distritais europeus, côrtes do ti po ocidental, missionários europeus de várias sei tas e vendedores já há meio século ou mais" (2).

O sentimentalismo de que fala Beattie po de ser entendido aqui como uma espécie de etnocen trismo movido pela admiração e aceitação de valores culturais diametralmente opostos aos dos antropólo gos de campo e que, do ponto de vista da pretensão científica da Antropologia, poderá apresentar-se, de alguma forma, prejudicial tanto quanto se ele esti

vesse em situação contrária, isto é, de desprezo e recusa pelo grupo que estuda, o que normalmente não ocorre. O etnocentrismo, qualquer que seja a posição em que se situa o antropólogo em seu trabalho de campo, quer no plano do etnocentrismo cultural tout court, quer no plano do etnocentrismo "às avessas" - aqui entendido como uma aceitação e valorização de uma cultura que não a sua, do ponto de vista de sua formação cultural - parece constituir-se em problema teórico da Antropologia, e se define como um método no estudo da cultura quando se provoca o desgaste do etnocentrismo cultural, como acertadamente definiu William Thomas, "e que tem como resultado prático o de permitir ao antropólogo a sua movimentação através de categorias culturais familiares a outros povos. Aprendendo a responder a novas fontes de emoção, a apreciar comidas exóticas, a ficar acostumada os a entonações e preocupações que lhe são estranhas, os antropólogos, acrescenta W. Thomas, adquirem, face ao homem e à cultura, uma atitude relativista que é vital para suas investigações" (13).

Estamos propensos a admitir que é quase impossível um imparcialidade total quando da análise de uma determinada cultura, mesmo em se tratando da nossa própria. Porém, o esforço intelectual orientado para atingir esta imparcialidade já se nos afigura como uma atitude verdadeiramente científica e que deve ser o melhor auxiliar do antropólogo quando se encontra com os seus "exóticos", objeto formal de preocupações analíticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BEATTIE, J. Antropologia Social - São Paulo, Editora Nacional, 1971, p.98
 - 2 BEATTIE, J. - Ob. cit. p.98
 - 3 BOHANNAN, PAUL - Social Anthropology, New York, Rinehart and Winston, 1963 p.7
 - 4 CAZANEUVE, J. - L'Ethnologie - Paris, Librarie Larourse, 1967 p. 9
 - 5 CAZANEUVE, J. - Ob. cit. p. 101
 - 6 COPANS, J. - "De l'Ethnologie à l' Anthropologie". in L'Anthropologie: Science des Sociétés Primitives, Paris, 1970, p. 12
- Universitas.Cultura. Salvador, (33): 77-84, jul./set. 1985

- 7 COPANS, J. - Ob. cit. p. 18
- 8 LEITE DANTE MOREIRA - O Caráter Nacional Brasileiro, História de uma Ideologia - São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 2ª ed., 1969, p. 11
- 9 MALINOWSKI PRONISLAW - Uma Teoria Científica da Cultura. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2ª ed., Tradução de José Auto, 1970, p. 21.
- 10 MAUSS, MARCEL - Manuel d'Ethnographie - Paris, Payot, 1969, p. 7
- 11 MAUSS, MARCEL - Manuel d'Ethnographie - Ob. cit. p. 9
- 12 KEESING, FELIX - Antropologia Cultural - Rio, Editora Fundo da Cultura, vol. I, 1961, pp. 33/34.
- 13 WILLIAM, THOMAS RHYS - Field Methods in the Study of Culture. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1967.

RÉSUMÉ

Le présent article se propose de reprendre la discussion sur l'ethnocentrisme en tant qu'obstacle à la perception des phénomènes culturels.

Sans vouloir étendre cette étude aux questions générales de nature épistémologique liées au thème, l'auteur centre son analyse sur un certain nombre de problèmes particuliers issus de la recherche sur le terrain. Il discute notamment les difficultés suscitées par le risque d'ethnocentrisme culturel "spontané" de la part du chercheur.